

CONTRIBUIÇÕES DE NORBERT ELIAS E HOWARD GARDNER PARA A COMPREENSÃO DO TALENTO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, EM AMBIENTE AMAZÔNICO.

II Simpósio Processos Civilizadores na PanAmazônia, 2^a edição, de 09/06/2021 a 11/06/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-54-8

NETO; Francisco de Lira¹

RESUMO

GT4. PROCESSOS CIVILIZADORES E EDUCAÇÃO NA PAN-AMAZÔNIA

Resumo:

No presente texto, são analisadas as contribuições teóricas de Norbert Elias e Howard Gardner para a compreensão do fenômeno do talento, e suas implicações para as aulas de Educação Física. O talento deve ser compreendido em suas múltiplas determinações, sociológicas e psicológicas, para além do determinismo biológico. A partir dos autores citados, é necessário repensar o ensino da Educação Física, oferecendo aos alunos experiências diversas, e para que as práticas corporais regionais sejam valorizadas tanto quanto os conteúdos esportivos.

Abstract:

In this text, the theoretical contributions of Norbert Elias and Howard Gardner to the understanding of the phenomenon of talent are analyzed, and their implications for Physical Education classes. Talent must be understood in its multiple determinations, sociological and psychological, in addition to biological determinism. Based on the aforementioned authors, it is necessary to rethink the teaching of Physical Education, offering students diverse experiences, and so that regional body practices are valued as much as sports content.

Introdução:

Em sua atuação profissional, os professores de Educação Física se defrontam com algumas questões de extrema complexidade, sendo o talento uma delas. No senso comum, subsistem ideias segundo as quais os talentos seriam inatos, determinados, sobretudo, pela genética, e que o contexto social exerceria pouca ou nenhuma influência em seu desenvolvimento.

Entendendo o talento como um fenômeno complexo, que deve ser estudado em suas múltiplas determinações, entre as quais encontram-se aspectos sociológicos e psicológicos, serão estudadas, aqui, contribuições de Norbert Elias e Howard Gardner para a sua compreensão.

As análises dos autores são fundamentais, não somente para que os professores de Educação Física repensem a forma com a qual certos conteúdos são ministrados nas aulas, mas também para que a própria escolha dos conteúdos seja revista.

Primeiramente, serão abordadas as influências que a sociedade exerce sobre a formação do talento, para que, posteriormente, sejam tratadas questões mais propriamente psicológicas. Finalmente, serão feitas

¹ Colégio Militar de Manaus, jiraneto@gmail.com

considerações sobre o ensino de Educação Física no contexto amazônico, a partir dos instrumentos teóricos fornecidos pelos autores abordados.

A relação entre o talento e o contexto social:

Norbert Elias realiza uma análise fundamental para a compreensão da complexa relação entre o talento e o contexto social, sobretudo na obra *Mozart: sociologia de um gênio*, em que o autor nos apresenta tanto os fatores que podem potencializar o desenvolvimento de um talento, como também os que podem cerceá-lo.

O caso de Mozart (1756-1791) é particularmente interessante pois o eminente músico viveu num período em que a burguesia ainda não era a classe social dominante, estando sujeita aos desígnios de uma aristocracia cortesã. O eminente músico cresceu numa sociedade estamental, em que os nobres já nasciam nesta condição, e não havia possibilidade concreta de ascensão social através do talento – que viria a se tornar o discurso ideológico hegemônico, com a consolidação da burguesia como classe social dominante.

A sociedade em que Mozart nasceu se caracterizava pelo predomínio das monarquias hereditárias, em que o monarca comandava as hierarquias de nobres proprietários, apoiados pela organização ortodoxa das igrejas.

Para Hobsbawm (1989), no século XVIII houve uma dupla revolução, na qual, ao lado da política e ideologia fornecidas ao mundo pela Revolução Francesa, estava a economia formada pela Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra, que proporcionou uma “multiplicação rápida, constante, e, até o presente, ilimitada, de homens, mercadorias e serviços” (HOBSBAWM, 1989, p. 44).

Tanto a burguesia britânica como a francesa queriam a ruptura dos laços estanques de hereditariedade e religiosidade que imperavam no Antigo Regime; as condições materiais para isto já estavam dadas, ou seja, a industrialização significou um aumento nas forças produtivas de modo a exigir novas relações de produção, para além das limitações do interior dos feudos.

O burguês precisava expandir os horizontes das trocas de mercadorias e precisava de uma sociedade estratificada pelo desempenho obtido nestas trocas, em que ele adquirisse benefícios atribuídos ao seu mérito individual; precisava de uma carreira aberta ao talento.

Os interesses da burguesia foram expostos na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789. Analisando o texto da Declaração, Hobsbawm (1989, p. 77) afirma:

Este documento é um manifesto contra a sociedade hierárquica de privilégios nobres, mas não um manifesto a favor de uma sociedade democrática e igualitária. “Os homens nascem e vivem livres e iguais perante as leis”, dizia seu primeiro artigo; mas ela também prevê a existência de distinções sociais, ainda que “somente no terreno da utilidade comum”. A propriedade privada era um direito natural, sagrado, inalienável e inviolável. Os homens eram iguais perante a lei e as profissões estavam igualmente abertas ao talento; mas, se a corrida começasse sem handicaps, era igualmente entendido como fato consumado que os corredores não terminariam juntos.

Ao romper com a aristocracia feudal, a burguesia conseguiu implantar um novo regime, baseado no carreirismo individual e na livre-concorrência, marcas essenciais do liberalismo. Os monarcas hereditários perderam o poder para o capital. A burguesia passou a ser a classe social dominante, defendendo as idéias do liberalismo clássico. A partir deste momento histórico o discurso do talento individual passa a legitimar as relações capitalistas de produção da economia, tais como a propriedade privada e a divisão social do trabalho.

Segundo Hobsbawm (1989), a sociedade francesa pós-revolucionária era burguesa não somente em sua estrutura, mas - pode-se dizer, em relação dialética a ela - em seus valores. Era difundida a imagem do “self-made-man”, do “parvenu”, ou seja, do indivíduo “de origem humilde que alcançou subitamente uma melhoria social e econômica (em inglês, um upstart)” (HOBSBAWM, 1989, p. 205). O alcance de uma melhoria social e econômica passaria a ser tido como de responsabilidade individual, como uma questão de mérito.

Entretanto, Mozart viveu num período em que a sociedade burguesa ainda estava em construção. Na análise de Elias (1995), na segunda metade do século XVIII, na Alemanha, era possível liberar-se do padrão de gosto

aristocrático-cortesão nos campos da literatura e da Filosofia, pois já existia um público leitor bastante grande e crescente em meio à burguesia alemã.

No caso da música, a situação era muito diferente naquela época, de forma que as pessoas que trabalhavam neste campo “ainda eram fortemente dependentes do favor, do patronato e, portanto, do gosto da corte e dos círculos aristocráticos (e do patriciado burguês urbano, que seguia seu exemplo)” (ELIAS, 1995, p. 17).

Desta forma, como não fazia parte da aristocracia, Mozart dependia do patronato e do gosto musical da nobreza, círculo social do qual ele estava excluído, sendo um *outsider*, na linguagem elisiana. Isto impediu que Mozart alcançasse uma posição de destaque na sociedade, apesar de seu talento, embora não tivesse suprimido o desenvolvimento de suas habilidades, que viriam a obter reconhecimento póstumo.

Nas palavras de Elias (1995, p. 16):

A vida de Mozart ilustra nitidamente a situação de grupos burgueses *outsiders* numa economia dominada pela aristocracia de corte, num tempo em que o equilíbrio de forças ainda era muito favorável ao *establishment* cortesão, mas não a ponto de suprimir todas as expressões de protesto, ainda que apenas na arena, politicamente menos perigosa, da cultura.

A análise que Elias faz do caso de Mozart nos permite compreender como o talento está em íntima relação com o contexto social no qual se desenvolve, pois Mozart morreu sem conseguir o reconhecimento devido.

É interessante notar que Beethoven, que nasceu em 1770, apenas quase 15 anos depois de Mozart, conseguiu, com muito menos dificuldade, “aquilo pelo que Mozart inutilmente lutou: liberou-se, em grande parte, da dependência do patronato da corte” (ELIAS, 1995, p. 43).

Procede-se, agora, com considerações acerca da dimensão psicológica do fenômeno do talento, para as quais as contribuições do psicólogo estadunidense Howard Gardner são de grande relevância.

Aspectos psicológicos da questão do talento:

Gardner ficou conhecido, sendo referência na educação, para além da psicologia, por sua Teoria das Inteligências Múltiplas. Ele, assim como Elias, escreveu uma obra em que trata diretamente da questão do talento, e também tem Mozart como um de seus exemplos estudados.

Gardner se contrapõe a um ponto de vista que ele considera ser consensual sobre a inteligência humana, sendo endossado tanto por psicólogos como por leigos, segundo o qual “o grau de inteligência de uma pessoa é significativamente (se não totalmente) determinado por sua herança biológica; pouco se pode fazer para mudar um dom divino de alguém, a inteligência inata” (GARDNER, 1999, p. 44).

Primeiramente, é necessário enfatizar que o conceito de inteligência do autor difere muito de sua acepção no senso comum, em que o termo normalmente é utilizado para descrever pessoas que se destacam somente por seu raciocínio lógico-matemático ou por produções verbais-linguísticas.

Em suas palavras:

Indícios múltiplos e convergentes me levam a propor que os seres humanos evoluíram como espécie para possuir, pelo menos, sete formas distintas de *inteligência* – definidas como a capacidade de resolver problemas ou formar produtos valorizados no mínimo em um cenário cultural ou comunitário. Minha lista inicial de inteligências inclui linguística e lógica (ambas apreciadas nas escolas e especialmente em exames escolares); espacial (avaliação de amplos espaços e/ou traçados espaciais locais); musical (capacidade de criar e perceber padrões musicais); inteligência cinestésica corporal (capacidade de resolver problemas ou criar produtos usando o corpo no todo ou em parte); e duas formas de inteligência pessoal – uma orientada para a compreensão de outras pessoas, a outra para a autocompreensão.

Como o autor esclarece, sua sistematização ainda está em aberto, de forma que ele ainda descreve novas inteligências conforme avança em seus estudos.

Um aspecto que chama atenção na citação acima é a necessidade de valorização pelo cenário cultural, que nos remete à análise de Elias. Nos padrões cortesãos em que viveu, o talento de Mozart não foi amplamente identificado como detentor de uma inteligência musical extraordinária, obtendo o devido reconhecimento apenas postumamente.

Outro ponto importante abordado por Gardner diz respeito ao fato de que o talento (ou a inteligência) precisa ser desenvolvido, estimulado, embora não possa ser reduzido exclusivamente às horas de treinamento. Ele afirma que “estudos sobre crianças com alto nível de desempenho documentam o enorme apoio dado pelos pais, outros membros da família, professores e, não raro, por outros membros da comunidade” (GARDNER, 1999, p. 56).

No caso de Mozart, Elias descreveu o papel desempenhado por seu pai, que, além de músico, possuía habilidades pedagógicas, sendo autor de um manual para violino. Se Mozart era capaz de aprender a tocar peças muito complexas já aos quatro anos, começando a compor aos cinco, foi devido tanto à sua própria dedicação, como aos esforços de seu pai.

Elias relata que o pai de Mozart trabalhou sobre ele por vinte anos, com intensa dedicação, “quase como um escultor e sua escultura – sobre o ‘prodígio’ que, como costumava dizer, Deus tinha lhe dado como um favor do céu, e que não teria se tornado o que era sem o trabalho incansável do pai” (ELIAS, 1995, p. 72).

Não obstante, embora o talento precise ser identificado, estimulado e desenvolvido, Gardner reconhece que pessoas diferentes possuem potenciais distintos, de forma que a genialidade de Mozart não possa ser resumida às horas de treino em frente ao piano.

Segundo o eminentíssimo psicólogo:

O debate sobre a importância relativa do “talento” e do “treinamento” voltou recentemente à tona nos círculos da psicologia acadêmica. O psicólogo Anders Ericsson e seus colegas acumularam provas impressionantes de que – em domínios que vão do desempenho musical à memorização de dígitos – praticantes habilidosos diferem uns dos outros principalmente em número de horas de “prática deliberada” nas quais têm se empenhado. Mas, ao contrário do que se pensava, Ericsson não matou o dragão do talento. Os cépticos (eu inclusive) assinalam que só os talentosos são propensos a praticar por milhares de horas, e que a prática pura provavelmente é menos eficaz em domínios muito cognitivos como matemática, xadrez e composição musical.

Desta forma, é razoável concluir que a imensa dedicação do pai de Mozart tenha relação com o fato de que, desde cedo, percebeu o potencial de seu filho. O importante, para o presente trabalho, é enfatizar que tal potencial precisou ser, primeiramente, identificado, e, posteriormente, desenvolvido.

Embora tais considerações possam parecer supérfluas, possuem sérias implicações para a Educação Física, desde a escolha dos conteúdos à forma como são ministrados nas aulas, como será tratado a seguir.

O talento e a Educação Física escolar, no contexto amazônico:

A Educação Física é a disciplina escolar em que a inteligência corporal-cinestésica encontra maior espaço para ser desenvolvida. Enquanto nas demais disciplinas o movimento é sobremaneira restrinido, na Educação Física ele é encorajado em suas diversas formas de expressão.

Na obra Metodologia do ensino da Educação Física, elaborada por um coletivo de autores, a Educação Física é entendida como “materia escolar que trata, pedagogicamente, temas da cultura corporal, ou seja, os jogos, a ginástica, as lutas, as acrobacias, a mímica, o esporte e outros” (SOARES et al, 1992, p. 18).

A proposta dos autores não objetiva o desenvolvimento de capacidades físicas ou puramente a ampliação do repertório motor dos alunos, mas realiza uma reflexão pedagógica sobre “o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal”

Entretanto, embora abordagens clássicas como esta enfatizem a necessidade de reflexão sobre os mais diversos produtos da cultura corporal, para além do paradigma da esportivização da Educação Física, as aulas desta disciplina ainda contemplam sobremaneira os conteúdos esportivos, em detrimento das mais diversas formas de expressão corporal.

Como consequência, os alunos deixam de entrar em contato com determinados elementos da cultura corporal, que deveriam ser apresentados a eles justamente nesta disciplina.

Na análise de Matos (2013, p. 110), o predomínio do esporte, enquanto conteúdo nas aulas de Educação Física, promove uma homogeneização do movimento humano, de forma que “o que se vê é a orientação para a esportivização alicerçada na concepção helênica e anglo-saxã. A ênfase no esporte, tomando-o como hegemônico, pode estar ‘aniquilando’ a cultura corporal brasileira, ainda por revelar”.

A disciplina de Educação Física não deve apenas reproduzir a excessiva valorização dos esportes, sobretudo olímpicos, que permeia nossa sociedade. Evidentemente, estes são, também, conteúdos que devem estar presentes e ser problematizados nas aulas. Entretanto, isto não deve ocorrer em detrimento das mais diversas formas de expressão corporal.

Como abordado anteriormente, o talento depende do contexto social para que seja identificado e desenvolvido. Para que uma forma de movimento seja reconhecida como um talento, é necessário que haja certo reconhecimento social.

Enquanto os esportes já gozam de tal reconhecimento, outras manifestações da cultura corporal são preteridas. Embora menos conhecidas, por não integrarem competições internacionais de grande visibilidade e lucratividade, tais manifestações não deixam de ser importantes exemplos de inteligência corporal cinestésica, que quando estudadas detidamente, revelam grandes talentos para se lidar com contextos específicos.

Por exemplo, Matos (2013, p. 111), lembra que “os amazônicas incorporaram técnicas que lhes permitem extrair das florestas e dos rios os meios para manterem a vida e aproveitá-la melhor”. Segundo o autor, o desafio é incorporar esse conhecimento nas aulas de Educação Física, para que seja disseminada a cultura corporal amazônica, ao lado dos conteúdos esportivos tradicionalmente abordados.

Para que fique claro que tais manifestações da cultura corporal, muitas vezes esquecidas, são importantes formas de inteligência corporal cinestésica, ou seja, são talentos que devem ser valorizados, será tratado o exemplo da natação.

É comum que, nas escolas que dispõem de uma piscina para as aulas de Educação Física, a natação ensinada contemple exclusivamente os quatro estilos consagrados de nado, que estão presentes em competições como os Jogos Olímpicos (crawl, costas, peito e borboleta).

É possível que um professor, mesmo numa escola localizada no estado do Amazonas, aborde apenas estas formas de nado, ignorando que “os residentes do espaço rural, que designo de amazônicas ribeirinhos, têm os ambientes aquático – água branca e água preta – e terrestre para desenvolverem as práticas socioculturais”. (MATOS, 2013, p.112).

Esta forma de ensino seria, então, descontextualizada, e poderia trazer sérias consequências para a comunidade, pois há grandes diferenças entre nadar em piscina e nadar em um rio. Se o talento para nadar em um rio - ou, em outras palavras, a inteligência corporal-cinestésica relativa ao nado - pode ser entendida como a capacidade de resolver problemas no ambiente do rio, então, por exemplo, nadar com a cabeça para fora da água é mais “inteligente” do que nadar com a cabeça dentro da água, conforme ditado pelo estilo “crawl”, que foi pensado para o ambiente da piscina.

Desta forma, os membros da comunidade, que nadam em rios com a cabeça para fora d’água para enxergar obstáculos como pedaços de troncos de árvores, revelam uma inteligência corporal cinestésica, um talento que corresponde às exigências do meio. Nos rios, o nado é desenvolvido com técnicas específicas, que, infelizmente, não são tão valorizadas como as técnicas dos nados consagrados.

A partir da análise de Elias e Gardner, é possível compreender que o talento não é simplesmente inato, mas, pelo contrário, precisa ser desenvolvido, embora seja possível pensar em diferenças de potenciais.

A primeira consequência fundamental para a Educação Física é a de que, se um aluno nunca entrar em contato com determinado elemento da cultura corporal, ele jamais saberá que tinha potencial para desenvolver um

talento relativo a este elemento. Isto significa que as aulas de Educação Física deve proporcionar aos alunos a maior diversidade de experiências possível, não se restringindo a poucos conteúdos esportivizados.

Elias (1995, p. 81) escreve sobre a importância das diversas experiências musicais a que Mozart teve acesso para o desenvolvimento de seu talento:

É de se perguntar se Mozart, apesar de todos os seus talentos, teria se cristalizado, como pai, no idioma musical da sua época, caso tivesse passado a infância apenas em Salzburgo (e se não tivesse sido capaz, mais tarde, de romper os laços com a cidade). Com toda a probabilidade, a diversidade das experiências musicais a que foi exposto em suas viagens estimulou sua inclinação às experiências e à busca de novas sínteses entre as várias escolas de seu tempo. Deve ter contribuído para sua capacidade especial de dar livre curso às suas fantasias musicais sem nunca perder o controle sobre elas.

No que se refere às experiências que os alunos possuem sobre os mais diversos elementos da cultura corporal, é necessário compreender que eles chegam para o momento da aula em uma situação de desigualdade.

É possível que alguns alunos tenham tido a oportunidade de ter tido aulas de natação, enquanto outros sequer saibam nadar. É possível que alguns tenham feito aulas de tênis, enquanto outros sequer tenham segurado uma raquete. O importante é que o professor não reforce tais desigualdades, imaginando que um aluno não tem potencial para executar certos movimentos, caso suas primeiras execuções não alcancem o objetivo proposto. Como tratado por Gardner, o talento requer esforço, treinamento, e pode ser desenvolvido com a ajuda do professor.

Um outro aspecto que também pode ser levado em consideração no que se refere às diversas influências sociais sobre o desenvolvimento dos talentos envolve a questão do gênero. Daolio (2003) descreve como, socialmente, o corpo feminino é construído diferentemente do corpo masculino, e as consequências disto para a Educação Física escolar.

Como demonstra o autor, o fato de que muitos meninos apresentem mais habilidades para executar certos movimentos, como para jogar futebol, por exemplo, do que a maioria das meninas, não significa que tais diferenças são inatas, ou que não podem ser modificadas. Pelo contrário, o autor identifica tais diferenças como construídas socialmente, o que possibilita a ação do professor num sentido contrário, proporcionando às meninas um contato com o futebol que talvez não tenham tido fora da escola.

Nas palavras de Daolio (2003, p. 111):

Sobre um menino, mesmo antes de nascer, já recai toda uma expectativa de segurança e alívio de um macho que vai dar seqüência à linhagem. Na porta do quarto da maternidade, os pais penduram uma chuteirinha e uma camisa da equipe de futebol para a qual torcem. Pouco tempo depois, dão-lhe uma bola e o estimulam aos primeiros chutes. Um pouco mais tarde, esse menino começa a brincar na rua (futebol, pipa, subir em árvores, carrinho de rolemã, skate, bolinha de gude, bicicleta, taco etc.), porque, segundo as mães, se ficar em casa vai atrapalhar. Em torno de uma menina, quando nasce, paira toda uma névoa de delicadeza e cuidados. Basta observar as formas diferenciais de se carregar meninos e meninas, e as maneiras de os pais vestirem uns e outros. As meninas ganham de presente, em vez de bola, bonecas e utensílios de casa em miniatura. Além disso, são estimuladas o tempo todo a agir com delicadeza e bons modos, a não se sujarem, não suarem. Portanto, devem ficar em casa, a fim de serem preservadas das brincadeiras ‘de menino’ e ajudarem as mães nos trabalhos domésticos, que lhes serão úteis futuramente quando se tornarem esposas e mães.

É interessante, na descrição do autor, notar que, talvez, a sociedade brasileira tenha mudado um pouco em relação à época em que o texto foi escrito, ao menos no sentido de que há, hoje, um menor preconceito em relação às mulheres que praticam futebol, por exemplo. No entanto, ao mesmo tempo, é preocupante perceber como, em certos aspectos, esta descrição permanece atual.

Considerações finais:

¹ Colégio Militar de Manaus, jiraneto@gmail.com

Após abordar as análises de Norbert Elias e Howard Gardner acerca do fenômeno do talento, é possível compreender sua complexidade, bem como algumas de suas implicações para a Educação Física escolar.

No senso comum, ainda prevalece uma visão segundo a qual o talento é inato, determinado por fatores puramente biológicos. Ao promover uma ruptura com tal concepção, os autores aqui citados deixam clara a necessidade de que o professor de Educação Física repense suas aulas, desde a escolha dos conteúdos a serem ministrados, que devem proporcionar aos alunos a maior diversidade de experiências possível.

Para além disso, o professor deve estar atento para as determinações sociais que fazem com que certos conteúdos sejam privilegiados em detrimento de outros. Tradicionalmente, a Educação Física apresenta a esportivização como principal característica. Formas de movimento, desenvolvidas regionalmente, normalmente não possuem a mesma presença nas aulas que os esportes. Este quadro pode e deve ser mudado, a partir da compreensão de que as diversas expressões corporais representam técnicas importantes para os contextos em que foram criadas, por atender às exigências específicas da região, devendo, portanto, estar presentes nas aulas de Educação Física.

Referências bibliográficas:

DAOLIO, Jocimar. A construção cultural do corpo feminino, ou o risco de transformar meninas em "antas". In: _____. Cultura: educação física e futebol. 2 ed. Ver. E ampliada. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

ELIAS, Norbert. Mozart: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

GARDNER, Howard. Mentes extraordinárias: perfis de quatro pessoas excepcionais e um estudo sobre o extraordinário em cada um de nós. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

HOBSBAWM, Eric. J. A era das revoluções: Europa 1789-1848. 7 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

MATOS, Gláucio Campos Gomes de. Entre rios e florestas: experiências de campo de um professor de Educação Física em ambiente amazônico, Em Aberto, Brasília, v.26, n.89, p.107-117, jan./jun. 2013.

SOARES, C. L. et al. Metodologia do ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

PALAVRAS-CHAVE: Talento, Educação Física, Região amazônica